

869.8
L436r

GOMES LEAL

O

RENEGADO

A ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO
CARTA AO VELHO PAMPHLETARIO
SOBRE A PERSEGUIÇÃO DA IMPRENSA



LISBOA

TYPOGRAPHIA — Largo dos Inglesinhos, .7

1881

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

PROPERTY OF

*The
University of
Michigan
Libraries*

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS











I

Eis-me em frente de ti, velho urso na caverna —
Eis-me em frente de ti erguendo uma lanterna,
lanterna que accendi na grande escuridão
sobre a plebe açoutada, erguendo a minha mão,
lanterna que accendi n'esta éra ensanguenta,
lanterna que accendi, como em sinistra estrada
por causa dos ladrões perdido viajante.

Eis-me em frente de ti, eis-me de ti deante
cheio d'odio, rancor, com asco, sem respeito,
perguntando-te, ó Velho — Onde está o Direito?
O que fizeste ao Povo, á Consciencia, ao Brio?
Onde está o Pudor, rude ancião sombrio?
Quem és? Quem és? Quem és?... velho cheio de fel.
Onde está ó Cain o teu irmão Abel?

Quem és? Quem és?... Ó gloria, ó nome hoje avitado?
Tu foste a Alma do Povo — hoje és um renegado.

Eu sou a voz do humilde e d'esses maltrapilhos,
d'esses rotos e nus a quem mandaes os filhos
ás palhas da enxovia em vez da luz da escôla.
Eu sou a voz de baixo, eu sou o mar que rolla
toda uma orchestra d'ais, um mundo de lamentos
maior que a voz de Deus, e a voz dos grandes ventos,
Sou a voz que maldiz, o pranto que suspira.
Trago na minha mão a lampada da Ira.

Eu sou esse rebelde herege, extraordinario
que chamo ao biltre um biltre, e a ti um latrinario,
que préguei n'este tempo ás turbas assombradas
a União e o Direito, e fui pelas estradas
como S. Paulo foi na noute de Damasco,
armado do Rancor, cheio do grande asco
contra os Escribas vãos, os sordidos judeus,
sem ver fender-se a terra, ou ver-se abrir os ceus.
Nós hoje — os infieis — não cremos nos milagres.
Não me importa que tu, ó Velho, me consagres
o epitheto brutal de herege ou de maldito.
Eu sou o Pranto e o Odio! Eu sou o Ai e o Grito!

Eu sou a voz da turba extranha e inominada
que uma vèz é soluço, outras a gargalhada

que chamam *povileu*, a plebe envilecida,
n'uma éra de sangue, uma éra fratricida
riscada por um sol velho e sanguinolento.
Eu sou o que Marat chamou o Sofrimento.
Sou o que Ezechiél chamou Rebellião.
Eu sou a voz do Pó, eu sou a voz do Chão.
O que alguns chamam Zero, os outros chamam Charco.
Ando a erguer uma Ponte, e a abrir um grande Arco.

Em nome pois do Povo, o velho e antigo cedro,
sangrento como a cruz, e a quem como S. Pedro
tens renegado sempre, ó sordido traidor,
em nome da sua ira, e em nome do suor
que elle verte a chorar, na Terra, o chão antigo,
que faz córar a rosa e rebentar o trigo,
em nome dos seus mil cuspidos sacrificios
do seu Calyx, da Cruz, da Esponja, dos supplicios,
das suas mães sem pão, seus filhos no abandono
como um farrapo velho e como um cão sem dono,
em nome da Miséria, em nome da Innocencia
de tudo que ha de humano e grita na Consciencia,
em nome do Direito, em nome d'esta Penna,
escuta a minha voz, a voz que te condemna

Tu foste n'outro tempo um homem justo, um crente,
forte, obscuro, plebeu, filho da santa gente
da plebe que trabalha, e com as mãos possantes
sabe arrancar da terra as eiras e os diamantes,
d'essa raça animal dos grandes infelizes
que são na sociedade assim como ás raizes
que em quanto estão no chão, na solidão, no escuro,
dando a seiva e o vigor ao tronco bem seguro,
vivendo humildes sempre, obscuras, silenciosas
— estão as folhas no ar, altivas, gloriosas,
olhando para o azul sereno das esferas,
todas cheias de flor nas verdes primaveras,
sendo a gloria da leiva, a sombra dos caminhos,
tendo as bençãos do Sol e os canticos dos ninhos.

Sim, tu foste um plebeu—da raça antiga e rude,
que trabalha no escuro assim como a Virtude.
Sim, tu foste um plebeu—raça obscura e sem luz,
d'onde eu tambem saí, e d'onde vem Jesus.

Mas tu velho sem fé, mordeste-a como um cão.
Atraçoas-te-a, sim, e riste como Cham
se riu do velho Pae dormindo n'um caminho!
Sê maldito como elle, e seja o teu espinho

o teu espinho eterno, o teu atroz tormento,
ouvir-lhe sempre os ais e as maldições no vento!...
Tu tinhas a teu lado outr'ora os homens fortes
das Alas do Dever, todas as sãs cohortes
dos grandes corações, ferreos, e verdadeiros,
que trabalham na sombra assim como os mineiros,
a lampada na mão augusta da Verdade,
para arrancar do lodo o ouro da Liberdade.
Tu tinhas a teu lado os corações valentes
dos heroicos plebeus, todos fortes e crentes
todos filhos, como eu, da Plebe, nossa mãe!...
Mas tu, Velho sem fé, mas tu plebeu também,
que ambicionavas já as pompas gloriosas,
sentiste o asco e o horror d'aquellas mãos callosas
que trabalham por nós noutes, dias inteiros,
na officina, no val, nas minas, nos outeiros,
e quizeste antes ser hoje o leproso Reu,
de que ser como eu sou — simples, leal plebeu.

Vergonha sobre ti que tanto te abaixaste!..
Vergonha sobre ti, Velho, que profanaste
a frente d'ancião, a auréola sagrada
que seria por nós mais do que idolatrada,
teus louros de escriptor, teu gladio justiceiro,
terrível como Deus, teus louros d'homem puro
para os lançar, ó Velho, ao charco d'um monturo!

Vergonha sobre ti e os teus cabellos brancos !
Vergonha sobre ti que como os saltimbancos
foste lançar teu nome ao vento d'uma feira!
Vergonha sobre ti, que como uma rameira
que vende os seios nus em sordida estalagem
ao cobre do quartel e ao rir da marinhagem,
em quanto a mãe talvez jaz sobre um catre morta,
e o archanjo do Pudor geme e soluça á porta,
foste vender a honra ao ouro d'um senhor.
Vergonha em teus laureis, e sobre ti traidor
que quizeste antes ser rico, ministro, e nobre,
do que ser um *ninguem* — puro, plebeu, e pobre.

Vergonha sobre os vis apostatas da Idea
que negam como Pedro o fez depois da ceia
na noute de Sião, o Ceu e Deus trez-vezes !
Vergonha a quem entrega o Povo como as rezes,
que levam a matar, balando, ao matadouro!
Vergonha a quem trocar seu nome pelo ouro,
sua aureola santa e seu brasão de gloria
por um titulo em vida — e um pontapé da Historia !

Vergonha sob vós apostatas rafeiros
que vendeis vosso deus pelos trinta dinheiros

por que Judas vendeu esse de Nazareth !
Vergonha sobre vós, apostatas sem fé
messias sem pudor que andaes pelos caminhos
prégando aos corações, embebedando em vinhos
de gloria e de ideal, e que depois ao Povo
esse sublime Ancião de peito sempre novo,
o rafeiro infeliz de todos os Tiberios,
açoutado de Deus, dos reis e dos imperios,
mas que sempre enxotado—á chuva, ao vento, em pranto,
leva sempre o seu deus nas dobras do seu manto,
esse banido Ancião de todas as nações
a quem vós atiraes á lucta e ás sedições,
mas que um dia deixaes na beira d'um caminho,
como um cego sem guia, esqualido, sosinho,
n'um nocturno temporal, a errar de porta em porta,
voltando embalde aos ceus sua pupilla morta.

Vergonha sobre vós, ó vendilhões do templo !
Vergonha sobre ti, que eu marco, para exemplo
de todos esses vis messias das viellas,
mais vis do que ladrões, mais vis do que as cadellas,
que vão vender aos reis as suas convicções!...
Quiz pregal-os na cruz, roxeal-os com vergões
do meu chicote em fogo, irado, justiceiro
para que ao vel-os nús, expostos no madeiro

da abjecção, do desdem, da vaia, da chacota
ao escarneo, ao bofetão, á ponta vil da bota
saiba o Povo afinal que é preciso escarrar
no sacerdote infiel que vende o seu Altar.

II

Tu não sabes que gloria é ser phamphletario!
É ser o vento rijo, o vento extraordinario
que agita as multidões como um canavial,
contra um farrapo regio, a purpura real
contra os Ritos, os Reis, Symbolos e Tradições.
É ser o que protesta, o que ergue os corações
n'um arranque de heroe, á torre do Direito,
é dar qual pellicano, o sangue do seu peito
á Plebe sua mãe, como elle o dá aos filhos.
É ser o que não és. É não trocar os brilhos
d'uma libré real, d'um servo, d'um laçao,
pelo seu Verbo um gladio, e pela Penna um raio.
É ser o que protesta — o que ergue uma lanterna
na grande escuridão, na escuridão moderna,
contra um rei, um Czar, altivo, omnipotente
a favor do *ninguem*, da Plebe, do innocente.

É ser elle sósinho o Verbo, o gladio, a penna,
a espada que degolla e o grito que condemna.
É ser elle sósinho, altivo rebellado,
o grito do mineiro e o espectro do enforcado
que vem correr d'um leito o cortinado régio.
É ter esse condão, o enorme privilegio
d'erguendo as mãos ao ceu, como sagradas palmas,
fazer gritar a espada e levantar as almas !
É ver-se ás vezes só, pobre de terra em terra,
na floresta, no val, nas rochas ou na serra,
á neve, a chuva, aos soes, nas névoas estrangeiras,
nas selvas tropicaes, nas minas, nas geleiras
pela neve polar, no exilio, nas ruinas,
— mas seja na prisão, nos gelos, ou nas minas,
mal soar o seu nome — alevantar-se um peito
e gritar:— Elle é que é a Espada do Direito !

Ser pamphletario é — ser um pharol na noute
ser a pedra angular, Patibulo e Açoute.
É ter todo um vulcão em lava no seu craneo,
toda a Plebe agitar, do seu subterraneo,
como agitou Marat, — ou aguçar a espada
contra os reis, como fez Rousseau na agua furtada.
É estar sempre sósinho, altivo, no seu posto,
quando muitos teem medo, e os mais voltam o rosto

ser chamado um hereje — e as pallidas mulheres
quando veem surgir esses extranhos seres
apertarem ao peito as timidias creanças.
É andar pobre, exhausto, humilde como as granças
errante, só, banido, exhausto pela terra,
— mas quer seja na paz, ou quer seja na guerra,
quer nos paços reaes, nas praças da Cidade
a sua voz gritar — Alas á Honestidade!

E ser emfim tremendo, austero, altivo, e bom,
frio como é a Lei, frio como Proudhon,
chicotear sem dó os lombos dos Heroes,
vender como Marat, na fome, os seus lençoes,
mas nunca se vender, mas nunca transigir!
É saber odiar, decapitar, punir
e não se rebaixar nunca como um capaxo!
É ser a voz de ferro, é ser a voz de baixo,
que aterra a noute vil d'um seculo maldito.
É ser a voz da Plebe, é ser o grande grito
n'uma éra de luto, infame, ensanguentada
em que a Musa do Amor quebra a Lyra dourada
e morre como outr'ora amando o Raphael.
E ter odio, é ter ira, é ter desprezo e fel
contra uma horda vil de infames sacripantas.
É levantar ao ceu livres espadas santas

todos os campeões das Alas do Rancor.

É gritar, é gritar — «Eu sou o *Ódio—Amor*,
«O Ódio que tem sede, a voz do que tem fome,
«a voz d'aquelle infeliz, a quem não dão um nome
«que morre n'uma estrada, ou morre n'uma lucta
«sem benções e orações — como uma prostituta.
«Sou a voz do *ninguem*, a voz do cannavia!l
«que soluça, e não quebra ao rijo temporal,
«sou a voz do que chora, a voz do que suspira,
«o que ergue, alta, na mão a lampada da Ira,
«o que chamou a si os *tristes*, exilados
«sob as tendas de Cham, todos os desgraçados
«que vagueiam na terra exhaustos e banidos,
«o que chamou a si todos os opprimidos
«todos que tinham sede assim como Ismael
«e tragavam na treva a sua cinsa e fel!
«Eu não sou como vós uma bexiga cheia
«de colera, de fel, de inveja que guerreia,
«e vem lançar á rua a sua roupa suja!
«Eu não sou como vós um *corvo*, uma coruja
«que me nutra a cevar nos que se vão ao nada!
«Eu chamei junto a mim toda a alma amargurada,
«tudo que é fraco, chão, vergado de trabalho,
«tudo que empunha a enxada ou que maneja o malho,
«tudo que andam vendendo ha muito com as rezes,
«que vivem na abjecção e são chamados *fezes*

«que chamam *povileu*, que chamam a *gentalha*,
«e gritei-lhes — Ávante! É hora da batalha!

Ora este hereje pois, ora este pamphletario,
que assim sabe escarrar no biltre e no sicario,
este homem do Dever, este homem do Direito,
que em vez d'uma grã cruz, traz seu Odio no peito,
que em quanto toda a escoria, em toda a redondeza
dobra e curva o joelho aos thronos e á Realeza,
que em quanto tudo quer ser despota e opulento
elle escolheu ser pobre, o exilio, o isolamento,
que em quanto tudo pensa em Luxo ou nos ruidos,
quiz ser a voz de ferro, a voz dos opprimidos,
que em quanto tudo adula e lisonjeia o Forte,
elle defende o fraco, e expõe o peito á Sorte,
quando uns curvam-se ao Tudo, elle defende o Nada,
faz do Direito açoute, e faz da penna espada,
e diz a um rei, um Czar, um déspota potente
— Senhor, vós sois o cedro olympico, inclemente
o vendaval da Terra, a sombra dos Tiberios,
o furacão da Plebe, o açoute dos imperios,
terror dos generaes, dos reis, dos condestaveis.
— Eu sou como Jesus chefe dos miseraveis!...

Depois erguendo ao ceu a sua Penna eterna:

—Vós tendes o *knut* — eu tenho esta lanterna.

Este homem inda que pobre, inda que perseguido,
roto, obscuro, plebeu, humilde, mal vestido,
inda que triste e só no seu isolamento,
ao pé do grande Czar, n'este cruel momento,
inda que pobre e vil, inda que maltrapilho
é tanto como um Deus, e mais do que um seu Filho.

Assim foste tambem, ó Velho solitario!
Assim foste tambem grande pamphletario
que soubeste elevar a eterna Alma do Povo!
Assim foste tambem quando eras puro e novo
e sabias levar á guerra os corações,
quando eras um açoute e o deus das multidões
que vinham em tropel beijar os teus joelhos!
Mas hoje tu o que és — escoria d'entre os velhos
refugo de traidor, ó renegado hostile!
Mas hoje tu o que és, ó lixo impuro e vil!
alma atirada ao estrume, alma aviltada e fraca!...

És o que se vendeu! — Tu és uma cloaca.

III

Ó seculo de ferro! ó geração escrava!
que ouves Satan ladrar na noute do Evangelho,
no teu sollo do Mal, sobre teu sollo em lava,
cae a agua do ceu como n'um poço velho!
Sim a agua do ceu que faz viver a flôr
mal que no poço cae transforma-se na lama!
Ó seculo de ferro, ó seculo de horror,
que fazes tu da Voz, que em teu deserto clama?
Que fazes tu da Voz que ouço passar nos ventos,
prégando a Negação, n'um funebre arrepio,
que ouço clamar na noute em uivos e em lamentos
como um ladrar feroz de ruivo cão sombrio?
Que fazes tu da Voz dos teus prophetas santos
que dão prantos de sangue ás tuas vexações,
e do carro de fogo arrojam os seus mantos
que arrastam á Revolta o mar das multidões?

Que fazes tu? Tu ris! Tu vaes como a rameira
vender teu deus, teu ceu, tua honra ao lupanar.
A Justiça tornou-se em velha alcoviteira.
A Igreja ri na orgia, e Christo deixa o Altar!
O Desespero crú esparge o seu veneno
na taça d'ouro e onyx das jovens illusões.
O Odio faz ouvir o seu terrivel threno.
O Mal com a tenaz aperta os corações!
A virginal Poesia, a virgem d'alvas vestes
ergue aos ceus suas mãos, brancas como o alabastro.
Traz a Lyra na mão vestida de cyprestes.
Seu santo coração flameja como um astro!
Só ella faz ouvir n'um seculo corrupto
sua Lyra de bronze ao temporal da Sorte!
Só ella faz ouvir seu alaúde em luto
que dá notas crueis de Maldição e Morte.
É só ella que empunha o seu chicote em fogo
como o açoute de ferro indomito de Deus,
para açoutar os reis, o falso demagogo,
os biltres charlatães dos reis e dos plebeus.
É só ella que faz na noute secular,
na sua Lyra ouvir — não canticos d'amor —
mas as notas fataes que entornam o luar
da Ira, do Desdem, do Odio e do Rancor.
Achegae-vos a mim, tristes, terriveis Lyras,
que já tendes chorado e que sabeis rugir.

Quero em cordas de bronze os canticos das iras!
É preciso açoutar, decapitar, punir!...
Deixae agora o Amor e as brizas da bonança!
Minae-me o Despotismo esse colosso rhodio!
Pela noute vibrae as notas da Vingança.
Sobre a Lyra cantae os canticos do Odio.

Ó poetas do Amor deixae vossos idyllios,
os atalhos do bosque e a lua das florestas!
Deixae a musa fresca e simples dos Virgilios,
n'uma éra de sangue inhospita e funesta!
Deixae de nos cantar o Tedio e o Desengano,
as nuvens da montanha e os sinceiraes do val!
porque o mundo talvez espera o seu Tyranno.
A Terra vae parir algum Christo do mal.
Deixae de nos cantar as nuvens da bonança,
e a flor dos laranjaes que o vento faz bulir,
por que em breve já vem a hora da matança
em que a Espada tem voz, e as torres vão cair.
Eu tambem vos cantei, ó cantos langorosos,
ó nuvens da manhã, ó flor da romanzeira,
ó torrentes do val, ó beijos amorosos
da Mulher que se amou n'uma visão primeira!
Tambem já te cantei, estrella do pastor,
ó danças sobre a eira, ó lua das marês.

Mas hoje a minha voz é rouca como a Dôr,
terrível como a Espada e o tribunal dos Dez.
Abandonei-te ó Amor! Meu rir fez-se tregeito.
Meu pranto fez-se fel, a voz tornou-se berro.
Foragido dos reis, armado do Direito
faço vibrar na Lyra os canticos de ferro.



IV

Pobre mulher sem pão, quando de porta em porta
tendo batido em vão foste á do lupanar;
e ali deixaste a honra e a virgindade morta,
como noiva infeliz que levam a enterrar!
quando foste bater, chagado coração
ás portas soluçando, e que ninguem te abriu,
e o leito do bordel quaes taboas d'um caixão
te sepultou em vida, e teu calor cingiu!
quando tendo sonhado um sonho aureo e esplendente.
illusões d'uma infanta e os sonhos d'um deusa.
viste tudo findar na enxerga repellente
do teu leito de infanzia — o catre do bordel!
Quando tendo elevado ao ceu teus braços
como outr'ora Jesus o fez nas Olympos
só achaste o silencio e o riso da cazerna
e a risada dos seus filhos

quando ó loura mulher no berço excommungada
por um Destino ferreo, inhospito, infeliz,
por tua propria Mãe talvez abandonada,
pobre flor que hão lançado ao pantano a raiz!
Quando foste forçada ás bachanaes rasteiras,
e a despir e a manchar as brancas vestes tuas,
e a deixar teu amor na lama das regueiras,
como os sedentos cães que vão beber nas ruas!
Quando ó filha do Povo, ó pobre filha impura,
que uma mãe não beijou, que um Pae não protegeu,
achaste a Fome vil, velha de boca escura,
n'uma rua infernal, por um chuvoso ceu!
quando ó dahlia da Dôr, planta dos atoleiros,
pobre filha do Povo, exausta, quasi exangue,
tu vaes servir de gaudio á noute dos banqueiros,
sentindo dentro em ti as lagrimas de sangue!
quando ó selvagem flor, ó poça do abandono,
sem lagrimas de Mãe, sem osculos de irmão,
a Fome te obrigou qual magro cão sem dono
a buscar na valleta o teu immundo pão!
Dize sabias já, rainha da enxurrada,
ave que não tens ninho e que empurrou a Fome
que ha entes como tu — raça vil, condemnada,
que vendem seu pudor, que vendem o seu nome?
Dize sabias já, loura infeliz sem pão
que um seductor manchou, ou que uma Mãe vendeu,

que ha quem venda a sua honra, a gloria, o seu braço,
sem terem como tu os chascos e o labeu?

Dize sabias já que em quanto vaes na praça
entre um circulo vil de chascos quaes facadas,
elles vão affrontando a multidão que passa,
em gloriosos trens de portas brasonadas?

Dize sabias já, ó branca meretriz,
que aos homens como cães cedes teu corpo nú,
que ha torpes malandrins, gloria do seu paiz,
mais vis do que os ladrões, mais rameiras que tu?

Tu não sabes talvez, ó lama apedrejada,
por toda a rua hostile, por toda a rua séria,
a distancia que vae dos *outros* ao teu nada.

Ó tres vezes cruel! tres vezes vil Miseria!
Porém eu um rebelde ás Praxes como espadas,
entre a mulher sem pão e os pifios cannibaeas,
ó prostitutas vis! cadellas acoutadas!

Ó rameiras da rua! — eu vos respeito mais.



V

Velho, escuta, esta voz. — Eu não sei perdoar :
frio como um Destino eu heide-te açoutar
até te ver em sangue os lombos aviltados!
No estrume arrastarei teus louros profanados,
que jazerão no esterco infame das viellas,
onde vagam á lua os ébrios e as cadellas.
Marcarei para exemplo, ao mundo o renegado
que depois de haver rido, haver calumniado
uma Esposa, uma Mãe, um Lar, uma rainha,
— no que ella de mais puro e mais sagrado tinha! —
n'isso que doe cruel, que mais o peito enluta,
depois de lhe chamar a *grande prostituta*
nada achou mais abjecto, e nada achou mais baixo
que ser do filho-rei o humillimo capaxo,
nada achou mais servil, para apagar a offensa,
do que vender a penna e perseguir a Imprensa!

a que forma e dirige a Alma Universal.

Entra ó sinistro reu! Abriu-se o tribunal.

A Plebe (levantando os braços, clamando)

Eis aqui, ó Justiça, ó minha Mãe austera,
tua filha infeliz, que traz preza esta fera,
este sinistro Reu que vês acorrentado!
Elle, o vil me trahiu, elle é o scelerado
que de mim motejou, como Cham riu do Pai!
Elle era o meu bordão, qualquer soluço ou ai
que abalasse o meu peito, o peito d'esta escrava,
vinha bater no seu. O monstro não ladrava
como hoje ladra hostile aos meus cabellos brancos!
Eil o! elle aqui está! — o rei dos saltimbancos!

A Justiça

Cala um pouco essa dôr. A Plebe grande e rude
deve ser tambem forte assim como a Virtude.
Nem sempre á pena e á dôr o pranto fica bem!

A Plebe

Deixae me soluçar. Eu sou a sua Mãe.

A Justiça (surpreza)

Elle é teu filho, ó Plebe?... Oh deve ser suprema
a injuria que te fez, ou o crime que o algema!
De certo foi bem funda extraordinaria a offensa
bem terrivel, cruel, ensanguentada, intensa,
bem fundo e horrendo o golpe, infame, excepcional
pois que cita uma Mãe seu filho ao tribunal!

A Plebe

Bem grande sim que foi! Escuta a minha pena.
Ouve primeiro, ó Mãe! Depois julga e condemna.
Eu sou ha muito a eterna, a grande foragida
que vou de val em val, de mar em mar, varrida
como a Judea antiga, a escrava, pela noute,
chorando por seu Deus, sob o romano açoute.
Meus filhos tambem vão chorando pela estrada.
«Ás vezes diz-me um — Ó minha Mãe amada!
«Já temos caminhado em vão de serra em serra.
«Temos os pés em sangue! Á guerra, ó Mãe, á guerra!
«Não temos vinho e pão! Não temos o sustento!
«Negam-te em toda a parte o abrigo e o acolhimento!
«Não temos luz e lar. Não temos nem vestidos!
«Não temos ar nem sol! Vem aos montes subidos

«olhar como o sol brilha em rútila grandeza!
«Deus também para nós formou a Natureza.
«Não é só para um rei, um grande, uma rainha
«que a espiga dá seu pão e pampanos a vinha!
«Eu já sou forte, ó Mãe, eu tenho as mãos grosseiras
«de pegar n'uma enxada e de malhar nas eiras,
«eu quero transformar a minha enxada em lança,
«e tornar teu naufragio, ó Mãe, n'uma bonança!
Às vezes este filho energico, revel,
é um trigueiro aldeão, chama-se Guilherme Tell,
outras com seu olhar veste os simples e os nus
é plebeu e poeta e chama-se Jesus.
Outras é um açoute, um vento rijo e austero,
é um monge brutal e chama-se Lutherero.
Mas ás vezes também, ó lastima vehemente!
falla-me assim, ó Mãe, a bocca da serpente
d'um filho que eu creei aos peitos vigorosos,
com o sangue de heroes de louros victoriosos!
Falla-me em nome, sim, da Colera e da Ira
a bocca da Traição, a bocca da Mentira,
apontando-me além teu sceptro de brilhantes.
Eu levanto-me então assim como os gigantes,
a espada dos heroes empunho sem demora,
e cançada d'andar qual velho boi na nora
da Miseria, da Dor, da Fome, da Abjecção,
prêgo a santa Revolta á santa Multidão!

Mas então o servil, o immundo renegado,
vende-se a quem me tem o peito ensanguentado
no lodo da abjecção, no pó do aviltamento!
Fico então outra vez no meu isolamento,
na minha escuridão chorosa, amarga, e séria,
outra vez a puxar na nora da Miseria,
outra vez a roer o pão amargo e escuro,
pela fresta espreitando o dia do Futuro.

Foi assim que este fez, o indigno sacripanta.
Foi assim que cospiu na minha frente santa.
Foi assim que escarrou nos meus cabellos brancos.
Foi assim que o villão, chefe dos saltimbancos,
expulsou sua Mãe ao vento da Desgraça.
Foi assim que vendeu a sua Mãe na praça
expulsando-a de casa, em desabrida noute
sob a chuva do ceu, sob a ironia, e o açoute.
Tudo isto o ingrato fez pela servil Cobiça.
Justiça contra o vil! — Justiça, ó Mãe, Justiça!

A Justiça

Miseria, infamia, e dôr! Ó mundanal feitura,
barro do homem vil, indigna creatura

póde-se acaso assim cuspir em sua Mãe!
Póde acaso a Cobiça allucinar alguém.
por um pouco de Luxo, um pouco de poeira,
que transforme uma alma ingenua, verdadeira,
um virgem coração, qual pagem branco e louro
que sonha no Ideal em finas torres d'ouro,
a abandonar assim as illusões de gloria,
sua auréola santa, o seu brazão na Historia,
todo o seu Verbo em fogo, assombro da Cidade,
todas as convicções da loura Mocidade,
para atirar tudo isto aos pés da sombra apenas
d'um symbolo real eivado de gangrenas,
e depois sem Amor, sem nada que conforta,
a sua velha Mãe lançar fóra da porta!
Alguem acaso viu o crime infame, enorme?

A Consciencia Humana

Alguem viu, alguem viu! Alguem que nunca dorme,
alguem que sonda o mar e os fundos corações
as insomnias dos reis e os somnos dos leões!
Eu o vi, eu o vi, o grande scelerado
toda a noute escrever, d'olhar allucinado,
pamphletos crueis na sordida trapeira.
Eu o ouvi, eu o ouvi chamar uma *rameira*

e *rainha assassina* á tragica reinante.

Eu o vi, d'olho acceso, indomito, espumante,
prégar a sedição, direitos, regalias,

e erguer a Plebe-Mãe ás santas utopias
que fazem levantar na praça os estandartes!

Eu o vi, eu o vi, queimar os baluartes
do Respeito Real, e as ultimas trincheiras,
agachado na treva assim como as toupeiras,
a minar, a minar, as monarchias vãs!

Depois tambem o vi sobre os reaes divans,
reclinando-se já com um praser secreto,
contemplando os florões dourados pelo tecto,
com um olhar d'abbade ou satyro contente,
exclamar: «Isto é bom!... Sente-se bem a gente

«n'estes alnofadins, entre estes reposteiros!

«Gósto d'estes florões, gósto d'estes archeiros,
«que fazem reluzir as suas alabardas!

«Afinal os plebeus precisam — é d'albardas.

«Que querem elles mais? Comer das ucharias,

«beber como uns toneis, vir ás estrebarias,

«e algum dia puxar pelas reaes carroças?...

«Eu nunca fui plebeu! Eu sempre tive as bôssas

«do mando, do poder, do luxo, da opulencia!

«Gósto de ouvir dizer — Saiba Vossa Excellencia

«que o espera á mesa já El-Rei, Nosso Senhor!

«Eu levanto-me então. Como e bebo melhor

«que todo um refeitório inteiro de bernardos.
 «Não sou como os plebeus que até devoram cardos,
 «negro caldo espartano e sordidas raízes!
 «Como melhor que os reis, mais que as imperatrizes!
 «Amo o Porto, o Xerez, e os tédidos manjares
 «da ucharia dos reis que incensam bem os ares,
 «e dilatam-me o ventre ainda mais que a Gloria!
 A Gloria é nome vão! Um fumo só na Historia!
 «Da gloria não se vive. A Gloria é só chimera.
 «El-Rei Ventre é que manda. O ventre não espera.
 «Por isso eu tenho um ventre assim como um abbade!
 «Eu amo a flor da Carne e a loura mocidade,
 «as faces de setim das bellas camareiras!
 «Eu amo estes divans, eu amo estas roseiras
 «entre plantas ideaes, extranhas, fabulosas,
 «que me fazem sonbar noutes voluptuosas
 «como um luar d'amor entre jasmíns do Cabo.

«Ah! como ha de ser bom morrer como um nababo,
 «apertando entre as mãos as fôrmas femininas,
 «rosadas, juvenis, pallidas, alabastrinas,
 «d'uma mulher ideal que nos concede tudo,
 «semi núa, a sorrir, n'um leito de velludo!...»

Eu o ouvi, eu o ouvi, fria Justiça austera!—
 Aqui tens, ante ti, a encanecida fera,

que tanta vez ladrou contra os braços reaes !
Aqui tens, ó Justiça, a escoria dos seus Paes,
a bocca da Traição, a bocca da Mentira,
a penna tinta em fel que semeou a Ira,
o Despreso, a Revolta, a Colera, o Desdem !

Aqui tens quem cuspiu na Plebe sua Mãe.

A Justiça

Ha alguém que defenda o livido accusado ?
Ha alguém que erga um braço, um braço immaculado,
que não se tenha nunca achado em morticínios,
um braço recto e bom, puro dos assassinios,
derramados no chão dos campos inda quentes,
que não tenha contra elle a voz dos innocentes,
nem erga contra si a voz dos opprimidos,
ha alguém que erga um braço ao ceu dos perseguidos,
cheio de convicção ao meu terrivel ceu ?
Ha alguém que erga um braço, um braço a pró do Reu ?

A Ordem (erguendo o braço)

Suspende-te, ó Justiça ! Eu ergo a ti meu braço !
Este reu que aqui vês não é um vil devasso,

um baixo salteador d'estradas e caminhos !
 Eu vou provar que elle é mais puro que os arminhos.
 Vou demonstrar que elle é mais santo que as estrellas,
 mais alvo e virginal que as onze mil donzellas !
 Provarei, ó Justiça, até á saciedade,
 que este reu até tem cheiro de santidade !
 A Plebe sua mãe é uma velha escrava,
 tonta, hereje, demente, em cujo sangue ha lava
 «de guerra e sedição contra as instituições !
 «Ella é que faz que El-Rei não durma em seus colxões
 «o somno da Innocencia o somno bom do Justo,
 «e que até, grandes ceus ! faça o seu chylo a custo !
 «Ella é que faz que a Industria erre paralysada,
 «que o Commercio não durma e a Ordem transtornada
 «mande aos seus generaes, chefes; ou coroneis,
 «que toda a tropa fique em armas nos quartéis.
 «Ella é que impede e trava a roda Progresso !
 «Que dique lhe hei de oppôr?—Brado como um possesso:
 «Vinde cá Jonh Bull, Iberia, bons guerreiros,
 «fuzilae-me sem dó a horda de desordeiros
 «que querem supprimir a gothica realesa !
 «Enforcae-me quem cante a indigna *Marselhesa*,
 «e clame mais do que eu as livres crenças suas !
 «Encarcarae, prendei quem erga a voz nas ruas,
 «ou que ande a passear nas praças sem licença !
 «Levantae uma força enorme para a Imprensa.

«Ordenae, decretae, lavrae prisões secretas.
«Guiae-vos por Platão — lançae fóra os poetas
«que são os mais reveis, fataes agitadores.
«Guiae-vos por Platão — Nem sempre cantam flores !
«Tambem sabem cantar as notas de batalha,
fortes como os clarins, rijas como a metralha,
«e quando a Indignação a sua Musa inspira
«não ha bronze que valha o bronze d'essa Lyra !
«No emtanto não pareis ! — Nada de transigencias !
«Relaixae, corrompei, compraes as consciencias,
«tudo que se vender como quem vende um trapo !
«Da Lei faze leilão, e da policia um sapo.
«E sobre tudo emfim sem trégoas nem piedade
«ponde a saque e a terror as ruas da cidade
«para prender sem dó a infame biltraria,
«d'essa cafila vil da vã demagogia,
«d'essa corja da Plebe hostile, extraordinaria,
que inda pede mais pão, mais instrucção primaria !

Ora tudo isto fez — eu juro-o pelo Ceu !
para salvar a patria este sublime Reu.

Tambem, Justiça, ouvi n'este immortal litigio
que n'outro tempo o Reu poz o barrete phrigio.

Oh doudas illusões da douda Mocidade !
Quem póde erguer seu braço, o braço sem piedade,
contra o triste Ancião cheio de desenganos
que amou, cantou, gemeu na lyra dos vinte annos !
Quem póde erguer a voz, ferrea como os destinos,
contra quem soluçou ouvindo os Girondinos,
e a sua alma librou nos cantos dos Prophetas
n'esses cantos de bronzes ! — As almas dos Poetas
fazem desabrochar os batalhões da terra !
Na primavera em flor os peitos pedem guerra,
aventuras, amor, cabeças de tyrannos !
Mas depois vem a Fome ! ah ! vem os desenganos,
Miseria, Frio, a Dôr, o tragico Abandono,
vem a Insidia, a Calumnia, as tentações do Throno,
vem os dias sem sol, sorrisos, crenças, flores,
vem os filhos sem pão, vão-se indo os desertores
deixando em torno a nós o vacuo e o isolamento !
— Então ao craneo diz a aguia do Pensamento:
« Por quem foi que eu luctei ? Por quem fui eu um forte,
« e o peito despi nú aos turbilhões da Sorte ?
« Por quem quebrei, venci, queimei os baluartes,
desdobrando na praça, á Plebe, os estandartes
« comendo o negro pão nos solos estrangeiros ?
« Onde estaes, onde estaes, meus velhos companheiros,
« com os quaes eu clamei no val e na montanha,
« cheio d'ancia, desdem, de ardor, e d'ira extranha,

«Prégando o Verbo Novo ás multidões sagradas?
«Por quem fiz eu da penna o exemplo das espadas?
Por quem combati eu, rubro, sanguinolento?
Foi por ti Solidão? Por ti Esquecimento?
Por ti Ingratidão? Por ti frio Abandono?

Então n'aquella noute arida, má, sem somno,
escuta-se uma voz, que vem como a rajada,
no vacuo e solidão da fria agua furtada,
que grita em alta voz — Combateste por mim?

Quem és tu? Quem és tu? Quem é que falla assim?
— Mas fica muda a voz. Cala-se e não responde.
O pensador então vae ver onde se esconde
quem lhe dá um tremor indomito, suspeito,
como nunca sentiu no antro do seu peito.
Quer ver o extranho ser, aquella voz interna.
Mas cheio de terror, á livida lanterna,
n'um tragico arrepio, á luz baça e funérea,
— vê sentada em seu lar a furia da Miséria!

A Justiça

Ó Ordem acabaste?

A Ordem

Eu acabei, Justiça!

A Justiça

Quem é que quer entrar por sua vez na liça,
e á Ordem refutar o que ella diz do Reu ?

Os Perseguidos

Somos nós, somos nós, que as nossas mãos ao ceu
erguemos muita vez nos asperos caminhos ?
Somos nós que hemos visto o sangue dos espinhos
do abysmo nos caireis, nos tragicos atalhos !
Somos nós, os fieis, os homens dos trabalhos,
levados atravez d'um turbilhão maldito,
como errou Ismael, como o judeu proscripto
queimado pelo sol vermelho das legendas.
Somos nós, somos nós, que errámos sob as tendas
do excommungado Cham na treva e no abandono,
ao destino, aos vaivens, qual folha vil do outomno
que depois de gyrar do furacão á toa
vae rebolar do azul no lodo da lagôa.
Somos nós os fieis que nunca vacillámos,
os bronzeos corações que nunca trepidamos
ante os rostos dos reis e ante as espadas nuas !
Somos nós que ao relento, á chuva, ao gelo, ás luas

das solidões austraes, nos carceres, nas minas,
lavrámos contra os reis, com os punhaes, as sinas
sem quebrar os fataes, terriveis juramentos!
Somos nós que hemos visto a Fome, a Sede, e os ventos
do exilio arrebatat os filhos degredados,
as esposas e as mães violadas dos soldados,
nossos pobres irmãos rasgados sob o açoute!
Somos nós, os fieis, os batalhões da Noute,
que contra o ferreo, hostile Destino triumphante,
temos o *Odio-Amor*, feito d'um só brilhante.

A Justiça

Agora ergue-te, ó Reu, d'esse sinistro banco!
Alça a fronte ante mim. Faze teu olhar franco.
Responde justo e bem, sem ira, com clareza.
Manda ao teu coração dictar tua defeza!
E se acaso és um Justo, indigno d'essas dôres,
ergue-te, ó Reu! Fulmina os teus accusadores!

O Reu

Eu nunca fui da Plebe! Eu não sou filho d'ella!
Eu não sei o que ladra a rábida cadella

contra mim amostrando os assassinos dentes!
 Não sei quem ella é. Não tenho taes parentes.
 Não sei por que me cita a ladra ao tribunal.
 Eu jamais perturbei a Ordem social.
 Eu jamais subleveei as ondas populares!
 Nunca, nunca, ataquei a paz santa dos lares,
 e a honra ensanguentei d'uma leal Rainha!
 Não fui eu que arránquei a espada da bainha.
 Não fui eu que açoutei as santas dynastias,
 ao chicote infernal dos chascos e ironias,
 que sibilam no ar qual feixe de serpentes...
 Jamais calumniei...

O Espectro (surgindo, terrivel)

Mentos, ó Velho! Mentos!
 Mentos, velho histrião d'um throno gasto e óco!
 Mentos homem venal, mentos despota louco!
 Mentos servil plebeu, indigno latrinario!
 Tu foste n'outro tempo o irado pamphletario
 de pamphletos crueis na sordida trapeira!
 Não negues que chamaste, outrora, uma *rameira*
 á mãe do teu Senhor, á mãe de El-Rei teu amo!
 Não negues que chamaste um bom *veado*, um *gamo*
de silvestre armadura, e *florida ramagem*
 ao Pae do teu Senhor que tem tua homenagem!

Não negues ante mim que sou o teu Espectro
que apedrejaste o throno e enlameaste o sceptro!
Não negues que eu te vi na fria agua furtada
levantando o Direito, ou revoltando a Espada,
tendo acceso no olhar o sol da Indignação!...
Não negues, ó Caim, que assassinaste o irmão.
Não negues ter as mãos d'aquelle sangue quentes
Não negues que nasceste assim como as serpentes,
e como ellas rasgaste o ventre a tua Mãe!...
Não negues ser plebeu, não negues com desdem
tua origem plebea, a tua Mãe escrava,
nem negues, craneo vão, ter tido a santa lava
do Ideal, da Fé, do Justo, e do Direito!
Eu sou o teu Espectro, á mesa, ou no teu leito!...
Eu sou o que te sondo os mais occultos passos.
Onde quer que tu estás encontras os meus braços!
Onde quer que tu vás—vês o meu duro olhar!
Eu fui teu companheiro. Andei a revoltar,
e a revolver contigo o lodo das paixões!
Sou o cumplice teu nas velhas sedições,
e ambos temos as mãos de sangue maculadas
de ter á nossa voz feito arrancar espadas,
e gottejar na rua o sangue do plebeu!
Aquelle sangue grita, ah! contra nós, ao ceu!
Aquelle sangue brada e clama contra ti!
Vejo sempre esse sangue, eu vejo-o sempre ali,

jorrando aos borbotões, em grandes cachoeiras,
inundando a calçada e a lama das regueiras!
Vejo o sangue fiel dos filhos da gentalha,
rudes heroes plebeus, levados á batalha,
pelo luz do teu Verbo, e pela espada nua,
correndo em borbotões nos boqueirões da rua,
despenhando-se ao sol na vasa das valletas!
D'esse sangue plebeu rompem vozes secretas,
cubriendo os ais do mundo, os gritos, os lamentos,
como o carro de Deus e os espiritos dos ventos,
gritando contra nós estranhas ameaças!
E o sangue plebeu diz:—Em quanto s bre as praças,
«corria ao rubro só das luctas fraticidas,
«quando a Espada gritava e que ceifava as vidas,
«e abraçados, ao sol, morriam os valentes,
«quando os peitos plebeus e os corações dos crentes
«erguiam para o ceu, para o vermelho espaço,
«juntamente ao seu Odio o vingativo braço,
«mal sabia eu então que tu que me levavas
«á lucta, á guerra, ao ideal das gerações escravas,
«me havias renegar, infame! com desdouro,
«e, ai de mim! ai de ti! trahir-me pelo ouro!

«Maldição sobre ti, que com as impias mãos,
«sujas do sangue quente inda de teus irmãos

«dos guerreiros plebeus, dos corações dos bravos
«que quizeram morrer para não ser escravos,
«que tentando egualar os campeões das lendas
«foram morrer ao sol heroico das contendadas,
«ousaste inda pegar na penna então sagrada
«para a entregar ao rei, como vencida espada,
«para escrever servis, ignobeis sacrilegios,
«— e com ellas manchar os reposteiros régios!

«Maldição sobre ti, Velho! que atraíçoaste
«a historia dos teus Paes, e sobre mim galgaste
«para chegar do Throno aos tragicos degraus!
«Has de ouvir minha voz no meio dos saraus,
«no meio das gentis duquezas decotadas
«das camélias da Carne ás luzes desbotadas
«quaes rosas de Saron aos gélicos luars;
«has de ouvir minha voz no meio dos jantares
«no fundo do teu sonho, em meio dos festins,
«entre o tinir do copo, os cantos dos setins,
«nos carros com brazões, de flexiveis mallas,
«entre o gemer das flautas e os cantos das violas!
«Has de ouvir minha voz prenhe de vituperios
«perseguinto-te até da treva nos mysterios,
«chamando contra ti na voz de teus irmãos,
«quando o teu labio abjecto oscule as régias mãos,

«e a mão tinta de sangue ensanguentar a Corôa!
«Eu serei, ó traidor, o cancro que te rôa,
«o dente que te morda, o espinho que te fira,
«o escalpello que te abra assim como quem vira,
«á luz limpa do Sol uma bexiga cheia,
«a lanceta que te abra a mais secreta veia,
«o pôtro que te dê o mais horrivel trato,
«o ferro em braza, o açoute, o caustico, o nitrato.

«Nunca te deixarei sem trégoa e sem abrigo!...
«Nem nos paços reaes, nem mesmo a sós contigo
«nem nos uivos da festa, os hymnos do Respeito,
«nem na sombra do sonho e a noute do teu leito
«nem mesmo sobre a terra, inanimado, exangue!
«Ha sangue em tuas mãos — em teus vestidos sangue!
«O sangue é que te lança a sua maldição.

O Reu (caindo no banco, aterrado)

Sempre o Espectro cruel, sempre a eterna visão!

A Justiça

Condemnou-te o teu grito infindo de terror!...
Confessaste a Traição! — Trahiste-te traidor!

Eis-te ahí sobre o banco abjecto, confundido !
De nada te valeu ser cynico e atrevido.
De nada te serviu a tua astucia e arte...

Agora erguei-vos, vós, Justos de toda a parte,
sublimes corações que nunca transigistes !
Agora erguei-vos vós Justos, Fortes, e Tristes,
que tendes amassado o vosso pão com pranto !
Agora erguei-vos vós guerreiros do que é santo
mineiros do que é Vil, pedreiros do que é Forte,
ferreiros que forjaes as armas contra a morte,
sobre a bronzea bigorna eterna da Virtude !
Agora erguei-vos, vós, homens do campo rude
que atiraes vossa enxada ao solo da Justiça,
erguei-vos todos vós, fortes que andaes na liça,
cirurgiões do Bem que heruaes vossa lanceta,
pedreiros que aluis o mundo á picareta,
carpinteiros que andaes serrando com a serra,
erguei-vos todos vós, Simples, que fazeis guerra
a toda esta ruina, esta agonia immensa,
e acercae-vos a mim — ouvi minha sentença :

Já que, ó Velho, trahiste as convicções primeiras,
e enxotaste uma Mãe assim como as rameiras

da qual se esquece o nome ao limiar da porta,
já que atiraste á vala a tua honra morta,
e atraíçoaste a Plebe a que te trouxe ao peito,
de que hão bebido o leite os homens do Direito;
já que excitaste á guerra e á lucta teus irmãos,
e no sangue plebeu tintas ainda as mãos
foste vender-te ao rei a que insultaste a Mãe...
eu lanço-te ao exterminio, á colera, ao desdem
de todo o homem de bem, de todo o homem honrado!
Toma lá a blusa infame do forçado.
Vou-te marcar na testa um grande R gigante,
feito com minha espada em brasa flammejante,
que a todo o mundo inspire — odio, nojo e terror.

Vaes agora gyrrar nas espiraes da Dôr,
vaes agora gyrrar nas espiraes do Inferno,
que o Dante assignalou com seu buril eterno
na viagem que fez á tragica cidade.
Vaes agora pisar as ruas da Anciedade,
subir a vil calçada amarga do Despreso.
Desde hoje és um forçado, um criminoso, um preso,
que tens com ferro em brasa um R sobre a testa,
cuja vista faz asco e cujo bafo empesta,
— contra o qual, ao passar, todas as mãos honradas
vão arrancar, uivando, as pedras das calçadas!

Como outr'ora (Gria com o teu signal) maldito
 tu vaes errar na Historia, ó riu de combentes,
 mettendo assombro e horror a quem te vir passar;
 O Espectro é teu algoz — o que ha de acompanhar
 teus passos junto ao poste, o escuro cadafalso,
 curvado, abjecto, vil, a pé, preso, desoutro,
 cheio de lama, esterco, apupos, irrisões,
 entre as vaías da Plebe, e carneos, maldições
 de todo um povo hostil que sobre ti esgarra;
 Ali tendo vestida a sordida samarra,
 tendo na testa o infame e caustico signal,
 — eu condemno o teu nome á pena capital.

(grava-lhe na fronte um R com a espada)

Primeiro Perseguido (levantando um braço)

Maldito sejas tu que tens escravizado
 aquillo que ha de eterno, augusto, de sagrado,
 a Alma, o Verbo, a Penna, a Consciencia Humana!
 Maldito sejas tu, que arguiste uma tyranna,
 e has sido, contra nós, tyranno inda maior!
 Maldito sejas tu, refugo de traidor!
 que a nossa execração te siga em toda a parte,
 que o Despreso desdobre em ti seu estandarte,

e te acorrente a Dôr, qual velha boia a móra,
 que o Remorso te pique a fôrça com a espôra,
 e a Vingança te siga os passos pelo escuro

Segundo Perseguido

Maldito sejas tu, agora e no Futuro!
 Maldito sejas tu nas bagas do teu pranto!
 Maldito sejas tu em tudo que for santo,
 no fundo do teu copo, a sombra até no estlo!

Terceiro Perseguido

Maldito sejas tu, á chuva, ao vento, ao frio,
 no teu caminho escuro e cheio de terrores!
 Maldito sejas tu na Primavera em flores,
 no entardecer do Outono e no Inverno!
 Maldito sejas tu na Terra ou no Inferno
 Que a existência do mundo echoes aos teus urvidos,
 Que os abysmos da Dôr se encham de teus gemidos,
 e a Eternidade perca a conta dos teus prantos!

que o Poderão de sobre em ti seu estandarte,
 que a nossa exaltação te siga em toda a parte.

A Plebe (lançando-lhe o veu negro dos condemnados á morte)

Eu Plebe tua mãe que aos lacteos peitos santos
te alimentei do leite altivo dos heroes,
eu que a fronte te alcei á luz branca dos soes,
e te metti na mão a espada da batalha,
eu lanço-te este veu assim como a mortalha,
ultimo e vil lençol da tua negra gloria!
Para sempre terás a maldição da Historia,
o desprezo do mundo, a execração geral,
e já que me has negado, ó filho desleal,
e has seguido o infamante e tenebroso trilho,
eu nego-te tambem! Tu já não és meu filho!
Já não és meu amor, minha afeição mais terna.
Ês o que tens meu odio e excommunhão eterna,
a quem lanço este veu de condemnado á morte,

(repellido-o de si)

Vae, segue para sempre a tua infame sorte!
Vae, segue pelo escuro a tua horrenda estrada!
Que a minha Indignação te fira como a Espada!
Que o meu Rancor se torne em tenebroso muro!...

O Espectro (empurrando o Reu)

A caminho! A caminho! — Á Forca do Futuro.

Acabaste d'ouvir a letra da sentença.
 Talvez que ó dictador, perseguidor da Imprensa,
 te cause pouco abalo esta sentença augusta!
 Talvez te cause riso e clames não ser justa
 a ira que sacode as cordas d'uma Lyra.
 Talvez velho frascario e lingua de Mentira
 chames ao verso fumo, a tudo vás ficções!
 Não! A Lyra é de bronze! As novas gerações
 os homens d'amanhã, os proximos vindouros
 não de ver n'essa frente, em vez dos verdes louros,
 pela noute da Historia esse R flamegante!
 Elles dirão então — Acaso foi o Dante
 que te marcou na testa esse signal soturno!
 Quem foi o vingador, o látego nocturno
 que na frente te abriu a inicial horrenda?
 E tu deves dizer: — Na minha ignota senda

não foi o Dante, não, que eu vi cheio de susto!
 Não foi tão grande heroe, mas foi um homem justo
 que não quiz em mim só vibrar o açoute amaro!
 Como outrora Molière, em seu eterno *Avaro*,
 que gravou com buril um lutulento vicio,
 elle quiz castigar em mim o vil flagicio
 d'esse cancro gentil, moderno, escandaloso,
 que faz d'um ente humano um cão servil, um gozo,
 salafrario venal, baixo arlequim de feira,

rasgando a cada passo a tela da bandeira,
 e fugindo a alistar-se em legião contraria;
 quiz vergastar sem dó a moda latrinaria
 d'esse abuso gentil, galante, deleterio,
 — d'hontem ser contra o Rei — hoje ir ao **ministerio**,
 o costume chinfrim, o ignobil privilegio,
 — d'hontem ser petroleiro — hoje um capaxo régio!

Um homem nada é. É simples grão d'areia
 nos abysmos da Vida ou nas regiões da Ideia.
 Mas o Principio, é tudo! É força alimentar
 na Consciencia Humana, áerta, sem cessar
 o castigo do Mal, essa noção sagrada,
 terrivel como a Adão do seraphim, a espada

Ah! tu julgas acaso, ó dictador de gesso,
 que tu podes travar a roda do Progresso.

encarcerando a Imprensa; á qual tu dizes tudo? Ah! tu crês, n'um signal, tomar o Verbo mudo, e que todo o trabalho excepcional das Raças, e todo o calor de Genés, as guerras, as desgraças, as industrias, invenções; tudo isto, que o Ceu cobre, e todo que Fausto sonha e Galileu descobre, e todas as leis dos soez, Systemas á Theoria, e — vão findar de repente, de tuas portarias? —

Acaso crês que todo o habitante eterno do Homem sobre o solo, a melhorar o inferno dos seus instintos, das suas privações, em guerra, aberta, ao mar, aos ventos, aos vulcões, ao Infinito, ao Finito, ás Beas, ás más paixões, á Terra amarga e dura; á Treva, ao Inconsciente, todo esse fermentar, energia, vehemente, toda a rebellião extraordinaria, seria, sem abutir sempre do Diabo com Deus, da Alma com a Matéria, toda a guerra feroc, eterna contra o Abuso, o scismar do que é bom, p'primeiro, e Parafuso, e o cerebro do que achou a Bagatella em Camarillo, e o que inventou a Lyra e azeleou a Bella, e o que ergueu sobre a praça o primitivo arco, e o que accende a Chidreira, e o que arrojou a Barco aos abysmos do mar com a primeira Vella, e o que arredonda a Ogiva e a soga com a Lanella, e

o que inventa o Vapor e o Feteiro e o Sonda
o que descobre a Roda e o que inventa o Sonda
o que quiz ver o Seco e a Invenção o Telescopio, o que sup o
o que quiz ver o Seco e a Invenção o Microscopio, o que obot
o que contorna o Scantio em tempo do Capitol, o que obot
o que constroa a Estata, o Welva, o Einzel, o que obot
a Columna, o Fante, o Escopo, o mais e o Serva, o que obot
o que forja as cruéis armas brancas da guerra, o que obot
Newton que descobriu o gravitar dos astros,
Phidias, ao qual ninguem nunca chegou os rastros,
Humboldt, o que corre o doo do Cosmos, o que obot
Rouget de Lisle o auctor do eterno hymno guerreiro, o que
Le Verrier que ao Caeideu mais entrou p'la meta, o que obot
Orpheu que fez a Lyra e o Kempia, o velho e o doo,
que em sua cella agita a mystica alma humana, o que obot
o que descobre o fogo e o auctor do Ramayana, o que obot
n'aquella India mãe das gerações guerreiras, o que obot
onde erram os fante e os sobra das palmeitas, o que obot
n'esse Oriente, pa' d'os dentes indistinctos e o que obot
onde Jesus se assom'p'erte das a'prebitho'g' ob' os m'as
tu crês que esse animal das primitivas éras, o que obot
que o Lume descobriu para as constar as líras, o que obot
o que fez a primeira estipa Cabana, o que obot
o auctor da velha Mo, do engenho, da Boldana, o que obot
da primeira Chautu e do primeiro Arado, o que obot
Juvenal que vitou Roma de lado avlado e o que obot

com suas corrupções, venêneas, in-vicinas delirios in-oluntários
 como a vã liturgia extrinseca dos Aegipios; o sheval sup o
 Platão que erguesse a Alma nua a temple, do do idólatras sup o
 maior que Nero libava; que era o scapthesovotio; sup o
 Durer esse panteon ex-tremos, mysticos; mala sup o durer
 que achou no Panteismo o mais infando gozo; sup o durer
 e na tela onde pinta as folhas e as verdades; in o durer
 entre os ramos desceba extranhas creaturas; sup o durer
 como monges fatias ameadas; pela vocação; sup o durer
 que dão todo o tempo da alma; da Epico Medias; sup o durer
 Cervantes; in-brual; que fez narrar a liberdade; sup o durer
 toda a alma do Sol; que rencontra em D. Quicoboto; in-brual
 em q-anto o Fausto esbal; com virgens; de; belladas; in-brual
 e o abade Rabalais; sel-tr; de; galgalhadass; olus; in-brual
 Euclides que deureia as leis; da; Geometria; in-brual
 a Chaldea que se deti atraves; a Astronomia; sup o durer
 e em torres colossas; que traz clarimontes bellas; in-brual
 traça o grande roteiro; do; in-brual; in-brual; in-brual
 Goethe que se fundiu; na; alma; da; Natureza; in-brual
 que cantou; de; Diabo; in-brual; de; Bollos; in-brual
 a insomnia de; Science; que; lampada; de; Estudo; de; sup o durer
 Goya que fez; de; mundo; in-brual; de; Bollos; in-brual
 de mendigos; de; tristes; de; estudantes; in-brual
 Rembrandt esse; mundo; de; tristes; de; estudantes; in-brual
 Juvenal que escandiu; no; Voto; de; Mente; in-brual
 Boudha, sereno; in-brual; de; grace; de; feliz; in-brual

Desillude-te, ó Velho! O mundo não recua; a tua vida
 A Historia ha de vanrer. Lea nothe: para a rua, e para a rua
 como uma velha o lixo intumescido na calçada.
 Tu é que morrerás; tu ó léxiga inchada de
 de colera, de feij, d'orgulho, de vaidade, de
 que eu despejei na rua, á luz da Sociedade,
 como quem lança o lixo ao patbo d'um saçuão.
 Desengana-te ó Velho. Os reis em breve irão
 curvados e servis, quaes rotos saltimbances,
 mostrar de feira em Teira os seus cabellos brancos,
 agitando a maromba em vez de regie sceptro;
 E tu ó Velho irás tambem com teu Espectro
 n'esse caminhe inglorie e tragico tambem,
 que se chama o Abandono, o castico Dardem,
 de tudo isto que forma a Opinião Geral.
 Mas o mundo, esse não! Na gyro unitetral
 que traça em torno ao Sol com as demais espheras,
 verá encanecer as legiões das Eras,
 antes que rele e volva ás regiões do Abysme.
 Procura sempre a Luz. Eternoo magnetismo
 o attrahe sem cessar. Igóble claridade,
 como procura a Alma a luz só da Verdade,
 e na ordem moral, como umas verdes palmas,
 estendem sempre as mãos ás supplicantes Almas
 pedindo em coro ao ceu — mais luz, inda mais luz!

... e a luz do ceu — mais luz, inda mais luz!

Agora, ó Velho, enfim que te cravei na cruz
 da Ira e do Sarcasmo e te preguei os braços
 no lenço do Desprezo em nome dos devassos,
 tu não descontinuas a tua errada senda!
 Segue o exemplo dos reis — manda-nos pôr á venda,
 Torna mais dura e amarga a lenda da Miséria.
 Fazte contratos vis para furmar a Iberia
 bebendo de óculos reis e um succulento almoço.
 Arranja o teu poder, se acaso restar, a um poço,
 Lança o resto do sangue ao tacho da voragem.
 Entra a Fúria em Lei e a Ordem em carniçagem.
 Mandas erguer uma torre e um poste a cada esquina.
 Para vender parte a parte o aço da Guilhotina.
 Mandas falar sempre as bocas dos cambões.
 Lenda e amarrar os ventos das prisões.
 De que tramar a Valsa e a Salsa da Excovia.
 Senta a Inveja em Lei e o Ódio em Sargento.
 Torna mais dura a vida e os dias mais condonados.

Que Deus do Futuro — devise e veja o mal humano.

